

NATIVIZAÇÃO DE ITENS BANTU NO SANTOME¹

Silvano Martinho Cá²

RESUMO

O trabalho objetiva avaliar vocábulos nativizados ao léxico do santome, de étimo do kikongo e kimbundu. O santome, o angolar o lung'I e o fa d'ambo são línguas nativas de base portuguesa da região do Golfo da Guiné, África Ocidental. As quatro línguas compartilham o mesmo ancestral, chamado o protocrioulo do Golfo da Guiné (Bandeira, 2017). Essas línguas resultam do contato entre o português e línguas africanas (línguas edoides), que culminou na sua formação no final do século XV e início do XVI (Ferraz, 1979; Hlibowicka-Węglarz, 2011; Bandeira, 2017). O santome, angolar e lung'Ie são falados em São Tomé e Príncipe (STP), o fa d'ambo é empregado na ilha Ano Bom (Guiné-Equatorial). Além das três das línguas autóctones de STP, é falado o kabuverdianu, um idioma transplantado para o país no fim do século XIX e começo do XX. Para esse estudo, foram levantados 54 itens do santome, provenientes de kikongo e kimbundu, indicados por Ladhams (2007). Dos 54 itens coletados, que serviram de análise, 44 vocábulos foram de étimo kikongo enquanto 10 itens de étimo kimbundu. Para fins metodológicos, o estudo se apoiou em Araujo e Hagemeyer (2013), Cobe (2010), Assis Junior ([s. d.], Tavares (1967), Nascimento (1903), Câmara Jr (2009), Dubois *et al.* (2014) e Bandeira (2013), entre outros. Nesta pesquisa, algumas dessas palavras de étimo bantu, ao entrar no léxico da língua receptora, exibiram alterações tanto no nível fonológico, morfológico, quanto semântico, enquanto outras permaneceram, em grande parte sem passar por extensas mudanças estruturais e semânticas. Os principais processos fonológicos encontrados foram: apagamento, inserção, assimilação, nasalização, sonorização, alçamento, palatalização e redução de vogais longas. Ademais, o estudo concluiu que as adaptações encontradas em santome tiveram como resultado os seguintes tipos silábicos: V, VC, CV, CVC, CCV e CCVC.

Palavras-chave: línguas banto - África Ocidental; línguas edoides; língua santome - Guiné, Golfo da.

ABSTRACT

The aim of this study is to evaluate nativized words in the lexicon of Santome, with Kikongo and Kimbundu origins. Santome, Angolar, Lung'I and Fa d'Ambo are native Portuguese-based languages from the Gulf of Guinea region in West Africa. The four languages share the same ancestor, called Gulf of Guinea proto-Creole. These languages are the result of contact between Portuguese and African languages (Edoid languages), which culminated in their formation in the late 15th and early 16th centuries (Ferraz, 1979; Hlibowicka-Węglarz, 2011; Bandeira, 2017). Santome, Angolar and Lung'Ie are spoken in São Tomé and Príncipe (STP), while Fa d'Ambo is expressed on Ano Bom Island (Equatorial Guinea). In addition to the three indigenous languages of STP, Kabuverdianu is spoken, a language transplanted to the country in the late 19th and early 20th centuries. For this study, 54 Santome items were collected from Kikongo and Kimbundu, as indicated by Ladhams (2007). Of the 54 items collected for analysis, 44 were Kikongo and 10 were Kimbundu. For methodological purposes, the study relied on Araujo; Hagemeyer (2013), Cobe (2010), Assis Junior ([s. d.], Tavares (1967), Nascimento (1903), Câmara Jr (2009), Dubois *et al.* (2014) and Bandeira (2013) among others. In this research, some of these Bantu-derived words, upon entering the lexicon of the receptor language, exhibit changes at both the phonological, morphological and semantic levels, while others have remained, largely without undergoing extensive structural and semantic changes. The main phonological processes found were: deletion, insertion, assimilation, vocal nasalization, sonorization, raising, palatalization and reduction of long vowels. Furthermore, the study concluded that the adaptations found in Santome resulted in the following syllabic types: V, VC, CV, CVC, CCV and CCVC.

Keywords: Bantu languages - West Africa; Edoid languages; Santomean language - Guinea, Gulf of.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Manuele Bandeira de Andrade Lima.

² Graduando em Letras - Língua Portuguesa pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Empréstimos linguísticos são produtos de uma adaptação, uma adequação motivada por fins culturais, políticas, econômicas ou sociais, através do contato que acontece na língua. Segundo Carvalho (1989), a língua A (língua receptora) adquire elementos linguísticos da língua B (língua fonte), em que o processo pode culminar na perda da própria identidade, linguística e cultural, de determinado povo. Dito isso, o processo de nativização/empréstimo, de acordo com Guilbert (1973), trata-se de um processo por meio do qual um signo é inserido num novo sistema que tem suas regras fonéticas, fonológicas, gráficas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas em evidência numa determinada língua. Para Faraco (2001), as palavras adaptadas são ou não submetidas aos ajustes fonológicos, morfológicos determinados pela gramática da língua receptora.

Na Linguística, um/a linguista pode estudar a língua falada em duas formas: diacrônica (fase da sua evolução) e sincrônica (seu estado atual) (Fiorin *et al.*, 2003). Isto posto, o estudo diacrônico é o foco do artigo. O presente estudo trata do processo de nativização de itens bantu no santome, cujo objetivo foi o de avaliar itens adaptados ao sistema fonológico do santome de étimo kikongo e kimbundu. O santome é uma língua nativa, cuja formação remonta ao contato entre as línguas africanas e o português no final do século XV e início do século XVI (Ferraz, 1979).

O santome é a língua que integra a família linguística dos crioulos de base lexical portuguesa do Golfo da Guiné, da qual também fazem parte também o angolar, o lung'le e o fa d'Ambô. Todas essas línguas tiveram a formação comum no final do século XV e no início do XVI e, partilham a mesma raiz, denominada de protocrioulo do Golfo da Guiné (PGG) (Bandeira, 2017). O santome, o angolar e lung'le são línguas falado em São Tomé e Príncipe, enquanto o fa d'Ambô é empregado na ilha de Ano Bom, na Guiné-Equatorial. A República Democrática de São Tomé e Príncipe (STP) é um Estado jovem, sendo uma das antigas colônias portuguesas na África, ficando sob o jugo português desde o século XV até sua independência em 1975. Assim, esta pesquisa é relevante, porque traz uma contribuição sobre a fonologia do santome, devido ao fato de haver poucas pesquisas a respeito dessa língua. Também não se deve deixar de mencionar as dificuldades de estudar línguas africanas, em geral, não só o santome, tendo em conta, muitas vezes, a ausência de muitas referências.

O artigo está dividido da seguinte maneira: na 1ª seção, discute-se a respeito da contextualização linguística, histórica e social de São Tomé e Príncipe; na 2ª seção, apresenta-

se a metodologia; a 3ª seção trata da análise dos dados. Por fim, na 4ª seção, apresentamos as considerações finais.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO LINGUÍSTICA, HISTÓRICA SOCIAL DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

São Tomé e Príncipe (STP) é um país insular localizado no Golfo da Guiné e está situado a 350 km da costa ocidental de África Central, tendo uma área de 1001 km², com país também tem uma população estimada por volta de 215.000 habitantes. O Estado é composto por duas ilhas principais: São Tomé e Príncipe. Além destas duas ilhas, há ilhéus compondo o território segundo o World Bank (2022).

STP é um país multilíngue, onde são faladas quatro línguas crioulas de base lexical portuguesa: o santome, utilizado pelo grupo étnico forro; o angolar, articulado pelo grupo étnico angolar; o lung'le, falado pelo grupo étnico principense, ao passo que o kabuverdianu é uma língua transplantada por trabalhadores contratados, vindos de Cabo Verde e é difundido pelos seus descendentes (Araujo, 2020; Freitas; Bandeira; Agostinho, 2021; Balduino; Bandeira, 2022). O português, por sua vez, é a língua oficial de STP e é empregado em todas as comunicações do país, na mídia e educação. De acordo com Balduino e Bandeira (2022), a norma do português europeu é ensinada nas escolas, dominando o sistema escolar e mídia. Segundo autores, o uso do português em STP é generalizado, sendo que 98,2% da população o tem como a língua materna. Além disso, conforme Agostinho *et al.* (2016), são faladas também a língua francesa e inglesa, concernentes aos imigrantes provenientes dos países anglófonos e francófonos da África.

Há dois períodos históricos de colonização portuguesa que tiveram impactos no processo de criouliização em São Tomé, que era uma ilha inabitada no momento em que os portugueses aportaram. Entre 1485 até 1492, houve algumas tentativas de povoamento português nessa ilha, mas não houve sucesso. A partir de 1493, um grupo maior de povoadores portugueses chegou ao arquipélago, período conhecido como fase de habitação. Nesse período, os indivíduos que habitavam em São Tomé, geralmente, vinham pelas seguintes razões: por estar a serviço da Coroa portuguesa e por causa do comércio com a região da Guiné (Bandeira, 2017).

Com a chegada dos povoadores nessa fase de habitação, Hagemeijer (1999) afirma que havia dois tipos de escravizados: os escravizados de quarto ou casa, cuja fixação era permanente na ilha. Alguns destes faziam as tarefas domésticas, outros trabalhavam nas obras e nas zonas

rurais. O segundo tipo de escravizados, denominados escravizados de resgate, eram importados das zonas costeiras do continente africano e, geralmente, despachados como mercadoria para a feitoria da Mina junto à foz do Rio Prata. Segundo Hlibowicka-Weglarz (2011), a presença dos escravizados de casa era perene, devido ao trabalho forçado e prestado aos colonizadores. Esse grupo tinha mais contato com os povoadores e, assim, desempenhava um papel no processo de criouliização na ilha. Os escravizados de resgate, por sua vez, apresentavam uma presença temporária nas ilhas, inicialmente, prevista para durar cinquenta dias. Por falta de embarcações, todavia, os escravizados passavam mais meses do que o previsto no arquipélago, trabalhando como mão de obra temporária nas plantações e, participando, de alguma forma, no processo de criouliização (Bandeira, 2017).

Ademais, durante o contato entre falantes de português, em menor número, com os falantes de várias línguas de origem africana, em maior número, a fase de habitação foi um período propício para a criouliização. Desse modo, Bandeira (2017) pressupõe que as razões condicionantes para o advento do protocrioulo podem ser correlacionadas diretamente ao contato mais intenso entre portugueses e escravizados e à necessidade imediata de comunicação, isso fez com que os escravizados buscassem se aproximar do código linguístico usado pelos povoadores. Mais tarde, essa língua expandiu-se para as roças, sendo promovida à posição de primeira língua dos descendentes, chamado Protocrioulo do Golfo da Guiné. Nesse período, segundo Bandeira (2017), os escravizados em São Tomé, na sua maioria, eram trazidos da região do antigo Reino de Benim, uma zona com a qual os portugueses mantinham laços diplomáticos e comerciais, onde as línguas faladas por escravizados eram edóides. Na fase de plantação, em meados de 1520, os colonizadores deixaram as regiões de Benim, modificando a rota de sequestro em direção às regiões do Congo e Angola, áreas em que se falavam línguas bantu, como o kikongo e o kimbundu. Portanto, o contato do santome com as línguas bantu, devido às relações comerciais entre ilha São Tomé e regiões do Congo e Angola, fez com que elementos como itens lexicais das línguas bantu tenham sido deixados no vocabulário do santome.

O PGG, segundo Ferraz (1979, p. 09), é “o primeiro crioulo, o São Tomense original, depois se transformou em quatro crioulos por meio da separação geográfica, e possivelmente também por causa de diferenças que também poderiam ter existido em alguma extensão no substrato.” O processo de ramificação das quatro línguas ocorreu, assim, no final do século XV e o início do XVI. Concernente à situação geográfica das línguas crioulas de STP, ramificadas de PGG conforme Cardoso *et al.* (2015), o santome e o angolar são hoje línguas faladas no arquipélago de São Tomé, enquanto que o lung’Ie, por sua vez, é falado na ilha de Príncipe.

O português em STP, segundo Araujo (2020), Balduino e Bandeira (2022), é a língua com mais prestígio social e poder político, porque é empregado em todas as comunicações do país e ensinado nas escolas onde 98,2% da população o têm como a língua materna. Quanto aos fatores que influenciaram a ascensão do português e o seu privilégio, o convívio social é um deles, tendo em conta que há uma resistência por parte dos adultos em oferecer as línguas nacionais como *input* às crianças, pois assumem que se assim o fazem, a aquisição da língua portuguesa vai ser prejudicada (Agostinho, 2015).

Os dados de Censo de 2011 (Balduino; Bandeira, 2022) ilustram diferenças entre as diferentes línguas do arquipélago. Assim, os falantes do português, segundo autores, correspondem a 170.309 habitantes; falantes do santome são estimados em 62.889 pessoas; os do angolar são 11.413 habitantes; os do lung'le são 4.224 habitantes. Finalmente, falantes do kabuverdianu perfazem 14.724 indivíduos. Com esses resultados, Balduino e Bandeira (2022) consideram que esses dados não são exclusivos, pois um falante de português pode também falar qualquer uma das outras línguas. O censo não apresenta dados acerca da situação das diferentes línguas do país, assim esses resultados não mostram se as línguas foram adquiridas por falantes como primeira língua ou língua adicional. Assim podemos perceber que muitos falantes do português não se declaram falantes das línguas nativas devido ao ambiente social em que eles vivem e ao preconceito linguístico dirigido às línguas autóctones e ao kabuverdianu.

Quanto ao surgimento de santome, Bandeira (2017) afirma que está relacionado à formação de uma nova sociedade com reivindicações e poderes socioeconômicos próprios durante a fase de habitação quando o rei Dom Manuel declarou livres as escravizadas dadas aos portugueses quando em 1515 e 1517, da mesma maneira os filhos deles. Então, durante anos, ou seja, antes da independência de STP em 1975, o santome era considerado a língua mais falada nesse país até ser superado pelo português. Nos dias de hoje, tem sido cada vez mais reduzido o número de pessoas que o aprendem como língua materna, devido à expansão da língua portuguesa em todas as esferas sociais.

Concluimos esta seção de contextualização, na qual abordamos brevemente a diversidade linguística de São Tomé e Príncipe. Agora, direcionaremos nossa atenção para a seção de metodologia, em que descreveremos os procedimentos que seguimos para a análise dos dados coletados.

3 METODOLOGIA

Este estudo baseou-se em uma análise qualitativa, de caráter exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica (Freitas; Prodanov, 2013). Desse modo, tomando como ponto de partida a observação acerca da nativização de itens do vocabulário básico de étimo bantu (kikongo e kimbundu) no santome, decidimos adotar essa metodologia, o qual consideramos o mais adequado para a análise a fim de tratar os dados empiricamente a fim de descrever os fenômenos fonológicos.

O *corpus* consistiu no levantamento de 54 vocábulos os quais foram retirados juntamente com glosa do artigo intitulado *Article agglutination and the African contribution to the Portuguese-based Creoles* de Ladhams (2007). Nesse trabalho, o autor apresenta uma lista de itens do santome de étimo bantu (kikongo e kimbundu). Dos 54 itens coletados, 44 vocábulos foram de étimo kikongo enquanto 10 itens foram de étimo kimbundu. Além disso, o estudo teve como suporte o dicionário do santome/ português (Araujo; Hagemeijer, 2013); o *Novo dicionário português-kikongo* de Cobe (2010) e o *Dicionário kimbundu-português* de Assis Junior ([s.d.]). Observamos que algumas dessas palavras, ao entrar no léxico da língua receptora, exibiram alterações tanto no nível fonológico, morfológico, quanto semântico, enquanto outras permaneceram, em grande parte, sem passar por extensas mudanças estruturais e de significados.

É importante explicar que recorreremos aos estudos de Araujo; Hagemeijer (2013), de Cobe (2010) e de Assis Junior ([s. d.]) para comparar as relações que existem entre palavras do santome e dos étimos bantu. Para a análise, não consideramos como objeto o acento fonético-fonológico, nem aspectos sintáticos, semânticos em santome, reservados para estudos futuros. Na presente análise, nos centralizamos nos aspectos segmentais do ponto de vista diacrônico. No entanto, em alguns momentos da análise dos dados, abordaremos brevemente um aspecto morfológico, especificamente afixação, para demonstrar resumidamente como o mencionado processo se realiza nas línguas bantu.

Ao analisar fenômenos fonológicos segmentais no santome, recorreremos a obra *Dicionário de linguística*, de Dubois *et al.* (2014). Nesse estudo, os autores apresentam definições e ilustrações de terminologias como a concepção de empréstimos, neologismos, assimilação, entre outros. Ademais, baseamo-nos em Bandeira (2013), posto que apresenta resultados de alguns processos fonológicos (apagamentos, nasalização, etc.) ocorridos na adaptação de empréstimos no papiamentu, uma língua crioula falada nas ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçao. Por fim, utilizamos o trabalho de Câmara Jr (2009), uma vez que apresenta

fundamentos para abordar nossos dados coletados; como questões conceituais de vocábulos e questões gramaticais como base para a compreensão estrutural, funcional e histórica do português.

Nessa pesquisa, para realizar a transcrição fonética dos itens bantu, partimos das grafias que revelam, em certa medida, aspectos da fonética da língua. Para itens do kikongo, fizemos inferências a partir de grafias proposta por Tavares (1967), em que o autor descreve a gramática e a grafia dessa língua. Segundo esse autor, as palavras do kikongo, que possuem duas e mais sílabas, têm acentos predominantes, na maioria dos casos, na penúltima sílaba. Tavares afirma que as regras de acentuação do kikongo é muito parecido a do português. Em relação ao kimbundu, da mesma forma, fizemos a transcrição fonética a partir da inferência gráfica indicada por Assis Junior [s./d.]; Nascimento (1903). Esses autores mostram que o emprego do acento nas palavras do kimbundu é diferente, uma vez que há palavras que têm grafias semelhantes, mas possuem as pronúncias diferentes e a única maneira de distinguir tais vocábulos seria a acentuação. Desse modo, todas as palavras oxítonas são acentuadas graficamente no kimbundu, com o acento agudo (Assis Junior [s. d.]; Nascimento, 1903). Portanto, esses foram critérios que usamos para fazer a transcrição dos dados levantados, sendo que as obras mencionadas não apresentavam as realizações fonéticas ou notações fonológicas dessas línguas.

De acordo com Tavares (1967), o kikongo é uma língua que possui 21 grafemas: a, b, d, e, f, i, k³, l⁴, m, n, ng⁵, o, p, s, t⁶, u, v, w, y, z. As vogais a, e, i, o, u podem ser longas ou breves (Dodão, 2017). As seguintes letras: c, q, r, j, h, x, não existem na grafia da língua de acordo com Tavares (1967). O kimbundu, por sua vez, possui 25 letras: a, b, d, f, e, h⁷, i, j, k, l, m, n, ng, o, p, r, s, t, th, u, v, w, x, y, z. Do mesmo modo, as vogais a, e, i, o e u podem ser longas ou breves (Assis Junior, [s. d.]).

³ O /k/ substitui, em todos os casos, o <q> da língua portuguesa, e o <c>.

⁴ O /l/ substitui o <r> do português. Cristo (português) > Kilisitu (kikongo).

⁵ A consoante <ng> é sempre gutural e nasal.

⁶ O /t/ tem o mesmo valor que em português, quando aparece antes de <a, e, o, u>. No entanto, quando antecede o <i>, seria o /tʃ/, segundo Tavares (1967).

⁷ O /h/ em kimbundu sempre é aspirado (Serrote, 2015).

Quadro 1 - Representação gráfica e fonológica de kikongo/kimbundu

Kikongo		Kimbundu	
Grafias	Representações fonológicas	Grafias	Representações fonológicas
<a>	/a/	<a>	/a/
	/b/		/b/
<d>	/d/	<d>	/d/
<e>	/ɛ, e/	<e>	/ɛ, e/
<f>	/f/	<f>	/f/
<ng>	/ŋg/	<ng>	/ŋg/
<i>	/i/	<h>	/h/
<k>	/k/	<i>	/i/
<l>	/l/	<j>	/ʒ/
<m>	/m/	<k>	/k/
<n>	/n/	<l>	/l/
<o>	/ɔ, o/	<m>	/m/
<p>	/p/	<n>	/n/
<s>	/s/	<o>	/ɔ, o/
<t>	/t, tʃ/	<p>	/p/
<u>	/u/	<r>	/r/
<v>	/v/	<s>	/s/
<w>	/w/	<t>	/t, tʃ/
<y>	/j/	<th>	/θ/ ~ /ð/
<z>	/z/	<u>	/u/
		<v>	/v/
		<w>	/w/
		<x>	/ʃ/
		<z>	/z/

Fonte: adaptado Nascimento (1903) e Tavares (1967).

Quanto ao santome, adotamos a transcrição fonética apresentada no “Dicionário Livre Santome-Português/Livlu-Nglandji Santome/Putugêji” Araujo; Hagemeijer (2013). Nesse dicionário, os autores fornecem entradas lexicais do santome acompanhadas de suas representações fonéticas correspondentes. O santome, no seu inventário fonológico, de acordo com Bandeira (2017), apresenta 21 consoantes, a saber: /b, d, dj, f, g, j, k, l, lh, m, n, nh, p, s, t, tx, v, w, x, y, z/. No que tange aos sistemas vocálicos, conforme Araujo; Hagemeijer (2013), Bandeira (2017), o forro possui 7 fonemas: /i, e, ɛ, a, u, o, ɔ/, graficamente são apenas

representados por cinco vogais <a, e, i, o, u>. Posto isso, para finalizar, usamos também o site dos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (AFI).

Os dois quadros a seguir apresentam o *corpus* (Ladhams, 2007). Na primeira coluna de cada quadro, temos a numeração de palavras, na segunda coluna, temos os vocábulos oriundos de kikongo/kimbundu, na sequência, está nossa proposta de realização fonética de cada item da língua fonte, a seguir, temos a glosa desses vocábulos. Na antepenúltima coluna, aparecem vocábulos do santome, em seguida, suas transcrições e, finalmente, tem-se a glosa.

Quadro 2 - Vocábulos nativizados no santome oriundos do kikongo

Itens	Kikongo	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
1.	Nkala	[ˈŋkala]	Caranguejo	Anka	[ˈɛka]	Caranguejo
2.	Mbambi	[ˈmbambi]	Delimitador	Bambi	[bɛ̃ˈbi]	Pneumonia
3.	Lubanzi	[luˈbanzi]	Costela	bansa	[bɛ̃ˈsa]	Costela
4.	Booba	[ˈboːba]	Idoso	Bobo	[boˈbo]	Maduro
5.	Mbunga	[ˈmbuŋga]	Esperdício	Bunga	[bũˈga]	Hernandia beninensis
6.	Mfingi	[ˈmfɪŋgi]	Ratinho	Fingi	[fɪˈgi]	Ratinho
7.	Funda	[fuˈɲda]	Embrulho	Funda	[fũˈda]	Embrulho
8.	Fuma	[fuˈma]	Instalar	Fuma	[fuˈma]	Defumar
9.	Ikili	[ˈikili]	Rodilha	Ikili	[ˈikili]	Rodilha
10.	Sengele	[seˈŋgele]	Machado	Kisengle	[kisɛ̃ˈgle]	Machado
11.	Tiba	[ˈtiba]	Banana	Txibá	[tʃiˈba]	Banana
12.	Kokoto	[kɔkɔˈtɔ]	Avareza	Klokoto	[klɔkɔˈtɔ]	Barata
13.	Kudikota	[kudiˈkɔta]	Engatinhar	Kôkô	[koˈko]	Engatinhar
14.	Nkundu	[ˈŋkundu]	Cabelos brancos	Kundu	[kũˈdu]	Púbis
15.	Kukuta	[kuˈkuta]	Engrossar	Kutu	[kuˈtu]	Engrossar
16.	Lema	[leˈma]	Assoprar	Lema	[leˈma]	Armar
17.	Bolola	[boˈlola]	Desonrar	Lola	[lɔˈla]	Desviar
18.	Ulolo	[uˈlɔlɔ]	Muito	Lolo	[lɔˈlɔ]	Lamber
19.	Kooya	[ˈkoːja]	Sarna	Makoya	[maˈkoja]	Sarna
20.	Mawete	[maˈwete]	Amabilidade	Mankwete	[mɛ̃kwɛˈte]	Inteligente
21.	Nkondo	[ˈŋkɔŋdɔ]	Baobá	Mikondo	[mikɔ̃ˈdɔ]	Baobá
22.	Mukumbi	[muˈkumbi]	Árvore	Mukumbli	[mukũˈbli]	Árvore
23.	Munkele	[muˈŋkɛle]	Pomba preta	Muken	[muˈkɛ̃]	Pomba preta
24.	Munsambu	[muˈŋsambu]	Peixe salgado	Musambi	[muˈsɛ̃bi]	Peixe salgado

25.	Mutende	[mu'tɛŋde]	Palmeira jovem	Mutende	[mutẽ'de]	Palmeira jovem
26.	Mwindu	[mwi'ɲdu]	Bridelia micranta	Mwíndlu	[mwĩ'dlu]	Bridelia micranta
27.	Ngandu	['ŋgaŋdu]	Jacaré	Ngandu	[ŋgẽ'du]	Tubarão
28.	Ngembo	['ŋgembɔ]	Morcego	Ngembu	[ŋgẽ'bu]	Morcego
29.	Ngedingedi	[ŋgɛ'di ŋgɛ'di]	Cintilante	Ngenéngené	[ŋgɛ'nɛŋgɛ'nɛ]	Cintilante
30.	Nyonyo	[njɔ' ŋjɔ]	Lesma	Nyonyon	[njɔ'ŋjɔ]	Lesma
31.	Pete-pete	[pɛ'tɛpɛ'tɛ]	Gentil	Pete-pete	[pɛ'tɛpɛ'tɛ]	Macio, gentil
32.	Nsafu	[ŋsa'fu]	Fruta de safueiro	Safu	[sa'fu]	Fruta
33.	Sangwa	[sa'ŋgwa]	Vinho de milho	Sangwa	[sẽ'gwa]	Bochechar
34.	Esangangungu	[esaŋga'ŋguŋgnu]	Tarântula	Samangungu	[samẽgũ'gu]	Tarântula
35.	Nselele	[ŋsele'le]	Formigar	Selele	[sele'le]	Fluir
36.	Kinsekwa	[ki'ŋsekwa]	Percevejo	Senkwa	[sẽ'kwa]	Percevejo
37.	Susu	[su'su]	Advertir	Xuxu	['fɯfɯ]	Punhal
38.	Vungana	[vuŋga'na]	Cambaleiar	Vangana	[vẽga'na]	Cambaleiar
39.	Vuku	[vu'ku]	Agitar, lutar	Vugu	[vu'gu]	Agitar, lutar
40.	Mvuvu	['mvuvu]	Fumo	Vunvun	[vũ'vũ]	Abelha
41.	Mwanga	[mwa'ŋga]	Espalhar	Wanga	[wẽ'ga]	Derramar
42.	Yanza	[ja'ŋza]	Rasgar	Yanga	[jẽ'ga]	Escancarar
43.	Nzamba	['ŋzamba]	Elefante	Zamba	[zẽ'ba]	Elefante
44.	Ozevo	[o'zevo]	Então	Zawo	[za'wɔ]	Então

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

Quadro 3 - Vocábulo nativizados no santome provenientes do kimbundu

Itens	Kimbundu	Transcrição	Glosa	Santome	Transição	Glosa
45.	Mbasa	[mba'sa]	Báculo, bastão	Bansa	['bêsa]	Vara
46.	Fefenha	[fɛ'fɛŋha]	Sugar, chupar	Fefe	[fɛ'fɛ]	Chupar
47.	Fubá	[fu'ba]	Farinha de mandioca	Fúba	['fuba]	Farinha de milho
48.	Kisama	[ki'sama]	Tocha	Kisama	[kisa'ma]	Toca
49.	Ngandu	[ŋga'ŋdu]	Jacaré	Ngandu	[ŋgẽ'du]	Tubarão
50.	Ngungunu	[ŋgunuŋgu'nu]	Resmungar	Ngungunu	[ŋgũgu'nu]	Murmurar
51.	Ngumba	[ŋgu'mba]	Operário	Ngumba	[ŋgũ'ba]	Amendoim
52.	Pimbi	[pi'mbi]	Pênis	Pimbi	[pĩ'bi]	Pênis
53.	Utumbu	[utu'mbu]	Farelo	Tumbu	[tũ'bu]	Poeira
54.	Nzumbi	[ŋzu'mbi]	Espírito, alma	Zumbi	[zũ'bi]	Fantasma

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

Encerramos esta seção, na qual descrevemos o método e o *corpus* utilizados para a realização deste estudo. Avançaremos para a análise dos dados coletados, examinando apenas fenômenos segmentais.

4 PROCESSOS FONOLÓGICOS DIACRÔNICOS

Os processos fonológicos se referem às alterações que as palavras sofreram em seu nível fonológico ao longo do tempo, devido à mudança que acontece em qualquer língua natural. Normalmente, a mudança começa no nível fonético e avança ao nível fonológico. Sendo assim, abordaremos os processos fonológicos ocorridos na adaptação de vocábulos de étimo bantu no santome no nível fonológico do ponto de vista diacrônico.

4.1 PROCESSOS DE SUPRESSÃO/APAGAMENTO

Os processos fonológicos de apagamento são subtração no começo, no interior e no final da palavra e dividem em três subclasses: aférese, síncope e paragoge (Viaro, 2011). No entanto, ao analisar os dados, identificamos somente aférese e síncope.

4.1.1 Aférese

A aférese, segundo Viaro (2011); Dubois *et al.* (2014); é o fenômeno que consiste na queda de um segmento ou sílaba no início da palavra. Tal processo pode ser observado neste quadro dos vocábulos do santome provenientes do kikongo.

Quadro 4 - Itens que sofreram processo de aférese

Itens	Kikongo	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
1.	Lubanzi	[lu'baŋzi]	Costela	Bansa	[bẽ'sa]	Costela
2.	Kudikota	[kudi'kɔta]	Engatinhar	Koko	[ko'ko]	Engatinhar
3.	Kukuta	[ku'kuta]	Engrossar	Kutu	[ku'tu]	Engrossar
4.	Bolola	[bo'lola]	Desonrar	Lola	[lo'la]	Desviar
5.	Ulolo	[u'lolo]	Lamber	Lolo	[lo'lo]	Muito
6.	Esangangunu	[esaŋga'ŋguŋnu]	Tarântula	Samangungu	[samẽgũ'gu]	Tarântula
7.	Kinsekwa	[kiŋ'sekwa]	Percevejo	Senkwa	[sẽ'kwa]	Percevejo
8.	Ozevo	[o'zevo]	Então	Zawo	[za'wo]	Então

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

Ao analisar os itens de (1) a (8) no quadro 4, observamos que os vocábulos de étimo kikongo nativizados para o santome sofreram os apagamentos iniciais nas sílabas fracas (átonas). Em (1) *lubanzi* “costela”, ocorre a subtração silábica de <ku>, o morfema que se usa para formar nomes concretos na maioria de casos do kikongo, como, por exemplo, *lukata* “mala” e *lumueni* “espelho”, categorizados como nomes em kikongo conforme Tavares (1967). Os itens em (2) e (3) foram submetidos ao apagamento do segmento <ku>, que, por sua vez, é um morfe (prefixo) utilizado para formar substantivos no singular (Tavares, 1969). O segmento <ku>, em kikongo, assim como nas demais línguas do grupo bantu, como o kimbundu, é indicativo dos verbos quando estão nos seus infinitivos.

Em relação à subtração de <u> do item (5), na morfologia do kikongo, muitos nomes abstratos e concretos, que se iniciam com o morfe <u>, não possuem marcação do plural; ou melhor, têm apenas uma única forma, tanto no singular como no plural segundo Tavares (1967). Exemplos disso podemos encontrar em *uanda* “ervilha(s)” e *uonga* “medo(s). Em forro, o vocábulo *ulolo* “muito” acaba por apresentar a supressão segmental.

No item (7), observamos o apagamento do <ki> na primeira sílaba de *kinsekwa* “percevejo”. Este morfe (prefixo), segundo Tavares (1967), quando se junta ao nome, atribui

grau aumentativo ao vocábulo, ou seja, o nome passa a ficar no grau ao aumentativo de acordo às regras gramaticais dessa língua.

No item (8), encontra-se a supressão de vogal <o> em *ozewo*, assim resultando numa palavra dissilábica. Após uma análise do fenômeno de aférese no primeiro conjunto de dados, é possível identificar uma padronização desse processo na maioria das palavras do étimo kikongo, em que ocorreu o apagamento de consoantes nasais, /n/ e /m/, no início das palavras, como podemos verificar no quadro a seguir.

Quadro 5 - Apagamento de n e m em início de palavra

Itens	Kikongo	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
9.	Nkundu	[ˈŋkundu]	Cabelos brancos	Kundu	[kũˈdu]	Púbis
10.	Nsafu	[ŋsaˈfu]	Fruta de safueiro	Safu	[saˈfu]	Safu
11.	Nselele	[ŋseleˈle]	Formigar	Selele	[seleˈle]	Fluir
12.	Nzamba	[ˈŋzamba]	Elefante	Zamba	[zẽˈba]	Elefante
13.	Mbambi	[ˈmbambi]	Delimitador	Bambi	[bẽˈbi]	Pneumonia
14.	Mbunga	[ˈmbunga]	Esperdício	Bunga	[bũˈga]	Hernandia beninensis
15.	Mfingi	[ˈmfingi]	Ratinho	Fingi	[fĩˈgi]	Ratinho
16.	Mwanga	[mwaˈŋga]	Espalhar	Wanga	[wẽˈga]	Derramar

Fonte: adaptado Ladhams (2007).

Nos exemplos apresentados de (9) a (16), há supressão de consoantes pré-nasalizadas alveolar /n/, velar /ŋ/ e bilabial /m/ em posições iniciais de palavras. Esse apagamento acontece na maioria das palavras quando são combinadas as seguintes consoantes em kikongo: *mb*, *mp*, *mf*, *mv*, *nk*, *nl*, *ns*, *nt* e *nz*. As consoantes *nd* e *ng* foram conservadas sem modificação na parte inicial da palavra, como, por exemplo, em kikongo: *ndumbama* “aclone” e *ngandu* “tubarão”, nativizadas em santome como *ndumba* “grande” e *ngandu* “tubarão”.

Segundo Nascimento (1903), as consoantes nasais /n/, /ŋ/ e /m/, em coda, não nasalizam a vogal antecedente em kikongo. O /m/ precede as consoantes plosivas bilabiais /b, p/ (*mb*, *mp*) e fricativas labiodentais /v, f/ (*mf*, *mv*), isso pode acontecer no início ou no interior da palavra. Enquanto que o /n/ nessas posições (início, meio do vocábulo) ocorre diante das consoantes oclusivas alveolares /d, t/ e fricativa alveolar /z/, além disso, precede o gutural /g/ (*ng*). Por outro lado, o /n/ nasaliza a vogal precedente em santome. Assim sendo, retomaremos a discussão da nasalização quando abordaremos fenômenos da alteração na qualidade segmental.

Em relação aos itens nativizados em santome de étimo do kimbundu, identificamos também ocorrência de apagamento de um segmento no começo de palavra, como se observa no quadro 6.

Quadro 6 - Análise sobre aférese no santome dos itens provenientes de kimbundu

Itens	Kimbundu	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
17.	Utumbu	[utu'mbu]	Farelo	Tumbu	[tũ'bu]	Poeira
18.	Nzumbi	[ɲzu'mbi]	Alma, espírito	Zumbi	[zũ'bi]	Fantasma

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

No item (17), no santome, ocorre o apagamento de prefixo <u>, do kimbundu. Este prefixo é usado no kimbundu para formar substantivos abstratos no singular (Nascimento, 1903). Além disso, houve o apagamento de /n/ na posição inicial de palavra no item (18). É pertinente ressaltar que não se pode afirmar a existência de uma padronização de aférese na maioria das palavras a partir desse quadro, principalmente vocábulos que começam com consoantes nasais como /n/, como vimos nos itens anteriores do kikongo. Nesse sentido, observamos que existe somente uma palavra que tem a supressão desse fone.

4.1.2 Síncope

A apócope, conforme Viaro (2011); Câmara Jr (2009), é uma supressão de um fonema, sílaba(s) que acontece no interior da palavra. Esse fenômeno pode ocorrer na posição pretônica e postônica. Veremos, a seguir, no quadro 7, itens submetidos à síncope.

Quadro 7 - Palavras sincopadas

Itens	Kikongo	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
19.	Sengele	[se'ŋgele]	Machado	Kinsegle	[kisẽ'gle]	Machado
20.	Sangwa	[sa'ŋgwa]	Vinho de milho	Sagwa	[sa'gwa]	Bochechar

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

Em (19), observamos o apagamento do [e] na sílaba postônica, resultando na formação de um onset complexo. Além disso, podemos notar que o item (20) também sofreu o apagamento do segmento nasal alveolar /n/ de sílaba tônica em onset. A síncope é um fenômeno

linguístico que não é exclusivo do santome, mas um processo fonológico que pode ser encontrado em diversas línguas ao longo da história.

4.1.3 Apócope

A apócope, conforme Câmara Jr (2009), é um processo fonológico de subtração de um fone/ fonema ou sílaba que acontece no final do vocábulo. Assim, iniciaremos análise de item do kikongo e, na sequência, do kimbundu.

Quadro 8 - Exemplos de apócope

Item	Kikongo	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
21.	Nkala	[ˈŋkala]	Caranguejo	Anka	[ˈẽka]	Caranguejo

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

Neste quadro, ilustramos com uma palavra que apresenta os processos de metaplasmo com a supressão da sílaba final [la] como no caso do termo "nkala." Vale ressaltar que, embora nossa pesquisa não trate diretamente do contato entre o santome e o português de STP, observa-se que o /R/ se apaga nos infinitivos verbais nas variedades desse português, “como em **comer** [ko.ˈmɛɾ] ~ [koˈmɛ]” (Balduino, 2022, p. 377), grifo autora). Autora mostra que a não realização do fonema /R/ é muito produtiva nas variedades das duas ilhas, ou melhor, ocorre 72% de apócope no português de São Tomé e 83%, no português do Príncipe. Com essas percentagens, podemos concluir que há pouca diferença na produção de /R/ no final de palavra, ou seja os falantes de São Tomé tendem a produzir mais o rótico que os falantes da ilha do Príncipe.

A seguir, verificamos o mesmo processo de apócope no vocábulo oriundo de kimbundu.

Quadro 9 - Fenômeno de supressão no final de palavra

Item	Kimbundu	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
22.	Fefenha	[fɛˈfɛŋha]	Sugar	Fefe	[fɛˈfɛ]	Chupar

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

No item (22), ocorre o apagamento silábico final de vocábulo *fefenha*, resultando na mudança para *fefe*. Não foram encontradas muitas palavras em santome provenientes de kimbundu que permitissem aprofundar nossa análise a respeito da apócope. Dessa maneira,

encerramos a discussão de processos de apagamento, a seguir, traremos de processos de inserção.

4.1.4 Processo de inserção/adição

A adição, de acordo com Dubois *et al.* (2014), é um dos processos fonológicos mais recorrentes e antigos nas línguas vivas e está dividido em três subcategorias: prótese, epêntese e paragoge. Trataremos da prótese e da epêntese.

4.1.5 Prótese

A prótese (Dubois *et al.*, 2014) é o acréscimo de um fonema ou sílaba no início da palavra. Sendo assim, veremos no quadro em seguida, itens que sofreram esse fenômeno em santome.

Quadro 10 - Prótese de vocábulos em santome

Itens	Kikongo	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
23.	Sengele	[se'ŋgele]	Machado	Kisengle	[kisê'gle]	Machado
24.	Kooya	['kɔ:ja]	Sarna	Makoya	[ma'kɔja]	Sarna
25.	Nkondo	['ŋkɔŋdo]	Baobá	Mikondo	[mi'kôdo]	Baobá

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

Neste quadro, nos itens apresentados de (23) a (25), verifica-se que há inserção de sílabas iniciais <ki> em (23), <ma> em (24) e <mi> em (25). As palavras *sengele*, *kooya* e *nkondo* são adaptadas para *kisengle*, *makoya* e *mikondo* em santome.

Depois da análise de dados extraídos, vimos que a adição de <ki>, morfe (prefixo), ocorre somente uma vez. No entanto, de acordo com Araujo e Hagemeijer (2013), encontram-se 48 palavras que se iniciam com <ki>, cuja forma se assemelha ao prefixo <ki> presente e produtivo nas línguas bantu (Tavares, 1967; Junior de Assis, [s. d.]). A formação dos substantivos e adjetivos nas línguas bantu, segundo Tavares (1967), é marcada, muitas vezes, pelas prefixações, divididas em categorias. Cada prefixo tem sua classe e concorda em número. Conforme o autor, o <ki> é o prefixo singular de 3ª classe e é usado na formação dos nomes, como, por exemplo, *kinkutu* “camisa”, *kikada*, “escala ou ponte” em kikongo. A pluralização de *kinkutu* seria a substituição de <ki> por <i>. Dessa forma, ficaria *inkutu* “camisas” em kikongo. O kikongo e kimbundu são línguas que têm 10 classes de prefixação e que muitos

substantivos derivam desses processos morfológicos (Tavares, 1967; Junior de Assis, [s. d.]). Dentre os 48 vocábulos que iniciam com <ki>, 11 deles são de étimo português, que é a língua lexificadora, e entraram assim formados, recebendo pequenas adaptações, por exemplo, *kikadu* “cuidado” *kiadó* “criador”, *kinte* “quintal” conforme Araujo e Hagemeijer (2013).

4.1.6 Epêntese

Devido à evolução da língua, a epêntese é um metaplasmo que consiste na inserção de um fonema ou sílaba ao interior de vocábulo (Dubois *et al.*, 2014). Então essa tendência se verifica em algumas palavras no santome como pode verificar no quadro 11.

Quadro 11 - Exemplos de epêntese

Itens	Kikongo	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
26.	Maweta	[ma'wete]	Amabilidade	Mankwete	[mẽkwẽ'te]	Inteligente
27.	Esangangungu	[esaŋga'ŋguŋgu]	Tarântula	Samangungu	[samẽgũ'gu]	Tarântula
28.	Muwindu	[mwi'ŋdu]	Bridelia micranta	Muwindlu	[mw'ĩdlu]	Bridelia micranta
30.	Mukumbi	[mu'kumbi]	Árvore sp	Mukumbli	[mukũ'bli]	Árvore sp

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

Conforme os dados obtidos no quadro, em item (26), vimos que existe o acréscimo de fone /k/ no interior da palavra. Concernentemente ao item (27), há a inserção de segmentos /ma/. Nos itens (28) e (29), identificamos o acréscimo de /l/, o que altera estruturas silábicas dos vocábulos, assim o primeiro e segundo vocábulo resultam em um encontro consonantal tautossilábico: um encontro de consoantes no interior da mesma sílaba, formando a sequência CCV. O ataque complexo CCv, se comparando ao ataque simples, é menos frequente nas línguas bantu (kikongo e kimbundu), em que há inúmeros registros de simplificação dos encontros tautossilábicos (CCV para CV). Em kikongo, segundo Cobe (2010), não existem consoantes seguidas como: **cr** [kr], **cl** [kl], **pl** [pl], **pr** [pr], como em português. Por conseguinte, intercala-se uma vogal entre as consoantes, por exemplo, conforme autor, em item *Cristo* que seria *kilisitu* em kikongo; *cruz* > *kuluzu* em kikongo; *litro* > *litulu* em kikongo, etc. Ao contrário disso, o santome não segue somente a padronização CV, apresenta também a estrutura CCV.

Em (28) e (29), analisamos que houve modificação na estrutura silábica (CV para CCV) das últimas sílabas: nas palavras *mwindlu* e *mukumbi* fonologicamente temos uma coda /N/ (Bandeira, 2017; Balduino *et al.* (2015). De acordo com Bandeira (2017), o /N/ e /ŋ/ são únicos

elementos a preencher a coda silábica em santome. Em línguas bantu como o kikongo, todas as palavras, conforme Cobe (2010), são abertas, ou seja, não possuem coda, sempre terminam com um núcleo (uma vogal), sendo um padrão nessa língua.

4.2 PROCESSOS DE MODIFICAÇÃO SEGMENTAL

Os processos de alteração segmental, conforme Câmara Jr (2009), Dubois *et al.* (2009), são transformações ocorridas na qualidade ou posição dos segmentos. Nessa ótica, foram identificados nos dados tais ocorrências: assimilação, nasalização vocálica, sonorização, alçamento, palatalização e redução de vogais longas.

4.2.1 Assimilação

A assimilação, segundo Dubois *et al.* (2014) e Viaro (2011), é um processo muito frequente de modificação sofrida por um fone vizinho, que se deve ao fato de as duas unidades em contato terem traços articulatórios comuns. Diante disso, a seguir, analisaremos essa alteração de mudança de qualidade.

Quadro 12 - Exemplo de assimilação

Item	Kimbundu	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
31.	Mbasa	[mba'sa]	Bastão	Bansa	['bêsa]	Vara

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

Na passagem do item (31) para o santome, verificamos que há uma transposição de assimilação alveolar do ponto articulatório da consoante nasal /n/ ao ponto bilabial do /m/.

4.2.2 Nasalização vocálica

A nasalização vocálica, de acordo com Câmara Jr (2009), é um fenômeno que resulta do encontro de uma vogal com uma consoante nasal, em que a vogal oral incorpora as características da consoante nasal adjacente. Ou seja, em termos articulatórios, a nasalização ou nasalidade⁸ ocorre quando ar passa pela cavidade nasal, após abaixamento do véu palatino e

⁸ Ainda Camara Jr. (2009) defende que há, no português, dois tipos de nasalidade: a nasalidade fonológica, com função distintiva, e a nasalidade fonética, não distintiva. A respeito da nasalidade fonética, o autor chama a atenção para o fato de que é determinada pela assimilação

deixa a glote aberta. Assim, a partir dessa noção, no kikongo, há, numa sílaba, a vogal, em outra, a consoante nasal, algo que é muito comum nessa língua. O santome, segundo Balduino (2018), apresenta a nasalidade engatilhada pela presença da consoante nasal em coda, a qual espraia seu traço para a vogal antecedente. Sendo assim, podemos ver itens que apresentam esse processo no quadro a seguir.

Quadro 13 - Exemplos de nasalização vocálica

Itens	Kikongo	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
32.	Nkala	[ˈŋkala]	Caranguejo	Anka	[ˈẽka]	Caranguejo
33.	Mvuvu	[ˈmvuvu]	Fumo	Vunvun	[vũˈvũ]	Abelha
34.	Mawete	[maˈwɛtɛ]	Amabilidade	Mankwete	[mẽkwɛˈtɛ]	Inteligente
35.	Nyonyo	[njɔˈnjɔ]	Lesma	Nyonyón	[njɔˈnjõ]	Lesma

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

No item (31) a (34), é notável que há transformação nas palavras: *nkala*, *mvuvu* e "*mawete*, de kikongo para o santome como *anka*⁹, *vunvun* e *mankwete*. Quando a nasalização vocálica da vogal que precede /N/, conforme Agostinho (2015) e Balduino (2018), a nasalização tautossilábica é obrigatória para todas as vogais que antecedem a coda nasal, independentemente do lugar em que se /VN/ se realize na palavra. Por outro lado, em (35), há possibilidade de termos a existência da nasalização heterossilábica, essa ocorrência da nasalidade na primeira sílaba, causada pelo espalhamento de traço [+ nasal] da consoante nasal na posição de onset, algo que é diferente do que analisamos anteriormente, embora essa realização seja opcional segundo Balduino (2018). Portanto, a vogal final da última sílaba apresenta nasalidade, devido à influência de consoante nasal adjacente.

4.2.3 Sonorização

A sonorização, segundo Viaro (2011), é um processo de transformação das consoantes desvozeadas/surdas em sonoras, na posição intervocálica. Tal fenômeno é o que se verifica no item em (36).

à consoante nasal da sílaba seguinte, ou, então, à vogal nasalizada, como por exemplo, [ˈkẽma]. Para autor, a vogal nasal é, fonologicamente, uma estrutura de v+N, como em [fãˈlẽdɔ], ou melhor, uma sílaba travada por consoante nasal.

⁹ Em *anka*, podemos interpretar que ocorre a adição do /a/ na primeira sílaba. (Consulte o processo de prótese no quadro 10).

Quadro 15 - Processo de sonorização

Item	Kikongo	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
36.	Vuku	[vu'ku]	Agitar, lutar	Vugu	[vu'gu]	Agitar, lutar

Fonte: adaptação de Ladhams (2007).

Na adaptação do item do kikongo para o sistema linguístico do santome, em (36), a consoante oclusiva velar desvozeada [k], em posição intervocálica, tornou-se a consoante sonorizada [g].

4.2.4 Alçamento

O alçamento é um fenômeno que ocorre quando uma vogal, com um certo grau de abertura, passa a assimilar uma forma fechada, ou vice-versa em que a vogal fechada alta pode reduzir seu timbre e assimilar a vogal semiaberta ou mais aberta. Nesse sentido, apresentaremos e analisaremos o vocábulo em que se encontra assimilação entre vogais médias e altas.

Quadro 16 - Itens de processo de assimilação de alçamento

Itens	Kikongo	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
37.	Ngembo	['ŋgembo]	Morcego	Ngembu	[ŋgẽ'bu]	Morcego

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

No item (37), *ngembo*, percebemos que a vogal média postônica [o] alça ao traço de abertura de vogal alta posterior [u] na sílaba tônica final. Para o português conforme Bisol (2013) e Fonte (2015), a vogal média alta anterior [e] é responsável pelo alçamento de /i/, enquanto que [o], vogal média alta posterior, é mais ativo no alçamento de /u/. Para autores, a transformação da vogal média anterior /e/ para alta /i/ acontece porque o /i/ é mais próximo do /e/, enquanto que a elevação de vogal alta /u/ está condicionada pela vogal /o/, uma vez que as ambas partilham o mesmo ponto.

4.2.5 Palatalização

Dubois *et al.* (2014); Agostinho (2015); Bandeira (2017), apresentam a palatalização como um processo fonológico de assimilação que ocorre com algumas consoantes que são seguidas pela vogal alta anteriormente ou aproximante /j/. Esse processo ocorre nos

empréstimos passados do santome, em que a consoante plosiva desvozeada /t/ passa a ser realizada como fricativa alveolopalatal /tʃ/; do mesmo modo acontece com a consoante fricativa alveolar desvozeada /s/, que passa a ser realizada como a fricativa pós-alveolar ou velar desvozeada /ʃ/.

Quadro 17 - Ocorrência de palatalização

Item	Kikongo	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
38.	Tiba	[ˈtɪba]	Banana	Txiba	[tʃɪˈba]	Banana
39.	Susu	[ˈsusu]	Adverir	Xuxu	[ˈʃuʃu]	Punhal

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

A realização de /tʃ/ no item (38), pode ser realizado por alguns falantes do santome como /t/ também em *tijigu*¹⁰ [ˈtɪʒɪgu] “tuberculose” (Araujo; Hagemeijer, 2013). Então, no exemplo dos autores, tem-se o alofone. Segundo Agostinho (2015), o alofone /tʃ/ ocorre seguido da vogal alta anterior /i/ ou de aproximante palatal /j/, enquanto que /t/ pode se realizar em caso de variação livre diante de [i], [ɪ] ou [j]. Autora concluiu que o /tʃ/, assim como /t/, podem se realizar quer na sílaba tônica, pretônica e átona não final. Quanto que o fonema /t/ quando está palatizado se realiza como uma fricada [tʃ] seguida de [i] ou [j]. Portanto, podemos dizer, provavelmente havia variação em santome de [tʃ] e [t] naquela época (Bandeira, 2017). Tal situação corrobora Parkvall (2012) que alega que esse processo era/é muito produtivo nas quatro línguas crioulas do Golfo da Guiné.

A palatalização de /ʃ/, em santome e em lung'Ie, ocorre devido à proximidade do /i/, como os itens analisado por Bandeira (2017, p.352): *bisi > 'vestir' que seria bi[ʃ]i em santome e lung'Ie. Em santome, Bandeira mostra que o /ʃ/ se realiza no início e meio de vocábulo na posição de onset. No nosso *corpus*, a palatalização de /ʃ/ não parece ter ocorrido pelos contextos citados elucidaram, mais restrito à contiguidade com a vogal alta anterior. Pelo contrário, o processo aconteceu seguida da vogal alta posterior /u/ no item (39). Então, levando em consideração a respeito o que discutimos até ao momento, concluímos que talvez esse fenômeno possa ter sido fruto de contato linguístico com as línguas bantu, contudo uma ampliação do número de dados seria necessária para afirmações mais seguras.

¹⁰ Nós retiramos a palavra *tijigu* e sua realização fonética na obra de Araujo; Hagemeijer (2013, p.86) afim de esclarecer o processo.

4.3 REDUÇÃO DE VOGAIS LONGAS

As vogais longas, normalmente, são vogais que têm uma duração prolongada, que se diferem das simples, que são mais breves. A redução de vogais longas, portanto, é um processo de dissolução de vogais longas a simples. O kikongo é a língua que tem vogais simples e longas. Ademais algumas línguas crioulas de base lexical portuguesa como, por exemplo, o angolar, o lung'le e o fa d'ambô¹¹, línguas-irmãs do forro possuíam/possuem vogais simples e longas (Agostinho, 2015; Bandeira, 2017).

O santome, no seu sistema fonológico, é um pouco diferente das suas línguas-irmãs e do kikongo, posto que só apresenta vogais simples e não admite as longas. Como as vogais longas não se enquadram no padrão fonológico do santome, ocorre a redução das vogais longas nas palavras de étimo de kikongo (ver quadro 18).

Quadro 18 - Exemplos de dissolução de vogais longas

Itens	Kikongo	Transcrição	Glosa	Santome	Transcrição	Glosa
40.	Booba	[ˈbɔːba]	Idoso	Bobo	[bɔˈbɔ]	Maduro
41.	Kooya	[ˈkɔːja]	Sarna	Makoya	[maˈkɔja]	Sarna

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

Em (40) e (41), há a dissolução de vogais longas <oo> médias baixas posteriores, adaptadas para as simples <o>.

4.4 SÍLABA FONOLÓGICA DO SANTOME

A sílaba é uma parte prosódica por excelência em que os traços da entonação e melódicos, confinados ao seu núcleo, são importantes para a diferenciação do significado (PETTER, 2015). A sílaba é composta por um ataque e um núcleo, em geral, tem uma vogal que ocupa a posição de núcleo, acompanhada ou não de uma consoante em posição de ataque, isto é, à esquerda do núcleo.

Nos itens do *corpus* apresentados no quadro 1 e 2 sobre o santome, encontramos os seguintes tipos silábicos: V, VC, CV, CVC, CCV e CCVC. Bandeira (2017) propôs em sua análise de dados sobre a fonologia do santome 7 tipos silábicos que são: V, CV, VC, CCV,

¹¹ O angolar e as demais línguas-irmãs têm sete vogais longas: <aa, ɛɛ, ee, ii, oo, ɔɔ e uu>, salvo o santome que somente apresenta vogais simples de acordo com Bandeira (2017).

CCVC, CVC e CCCV. Sendo que estas consoantes /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, l, f, v, s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, w, j/ podem se realizar no início no e meio da palavra conforme a autora. Ainda Bandeira (2017) afirma que o /N/ e /ʃ/ são únicos elementos a preencher à coda silábica. Desse modo, podemos ver exemplos dos tipos silábicos encontrados em nosso *corpus*.

Quadro 19 - Exemplos de tipo silábico em santome

Santome	Sílaba fonológica	Estrutura	Transcrição	Glosa
<u>I</u> .ki.li	V	V.CV.CV	[ˈikili]	Rodilha
<u>An</u> .ka	VC	VC.CV	[ˈɛka]	Caranguejo
<u>Bo</u> .bo	CV	CV.CV	[boˈbo]	Maduro
<u>Bam</u> .bi	CVC	CVC.CV	[bẽˈbi]	Pneumonia
<u>Klo</u> .ko.to	CCV	CCV.CV.CV	[klɔkoˈto]	Barata
<u>Mwin</u> .dlu	CCVC	CCVC.CCV	[mwĩˈdlu]	Bridelia

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

Nesse quadro, ao analisar alguns exemplos de tipos silábicos apresentados, vimos que em *ikili*, início do vocábulo, a ocorrência do tipo silábico V, sendo preenchido pela vogal /i/. Esta estrutura, conforme Bandeira (2017), pode ser também preenchida pelas vogais /a, e, o, u/ no início da palavra, por exemplo, *aba* “aba” [ˈaba], *efan* [ˈɛfɛ] “certamente”, *obo* [ˈobo] “floresta”, *uku* [ˈuku] “lixo”. No santome, o padrão silábico V, em posição inicial na palavra, se realiza geralmente em nomes, mas não frequentemente em verbos de acordo com Ferraz (1979).

O santome é uma das línguas que tem o tipo CV como a sílaba mais comum, o que é encontrado na maioria das línguas naturais. A sílaba CV ser frequente no forro, segundo Ferraz (1979), pode ser explicado devido à influência das línguas bantu (kimbundu e kikongo), uma vez que não permitem coda no final da palavra, todas as sílabas nessas línguas são abertas. Tal influência, ao que parece, não é suficientemente forte para evitar que as adaptações em santome resultem em sílabas travadas, posto que o tipo CVC, em simples comparação com CV, é o segundo tipo mais encontrado em análise. Essa estrutura, como podemos ver no quadro 19, é preenchida por onset, núcleo e coda. No que diz respeito à sílaba VC, a mesma foi menos frequente no *corpus*, houve ocorrência somente em uma palavra *anka* “caranguejo”. A consoante nasal /N/ é licenciada para ocupar a coda na sílaba fonológica em santome.

4.5 SÍNTESE

Com base na análise do corpus, encontramos processos diversos de adaptação fonológica no santome dos vocábulos provenientes de línguas bantu (kikongo e kimbundu). Ademais, verificamos que há aplicações regulares na adaptação de palavras de étimo bantu do santome, uma vez que os falantes de alvo (língua nativa) tendem a interpretar a estrutura da segunda língua de acordo com a estrutura da primeira da própria sua língua (Paradis, 1996). Diante disso, faremos uma breve recapitulação dos processos fonológicos verificados com exemplos, reunidos no quadro 20.

Quadro 20 - Síntese sobre os processos fonológicos analisados

Processos fonológicos		
Tipos	Definições	Exemplos
Aférese	A subtração de um fonema ou uma sílaba no início de palavra.	<i>bololo</i> (kikongo) > <i>bolo</i> (santome).
Síncope	Consiste em suprimir um segmento no meio do vocábulo.	<i>sengele</i> (kikongo) > <i>kisengle</i> (santome).
Apócope	Apagamento de um segmento no final de palavra.	<i>nkala</i> (kikongo) > <i>anka</i> (forro).
Prótese	Inserção de um fonema ou sílaba no início de vocábulo.	<i>kooya</i> (kikongo) > <i>makoya</i> (santome).
Epêntese	Adição de um segmento no interior de um item.	<i>mawete</i> (kikongo) > <i>mankwete</i> (forro).
Assimilação	Processo de modificação sofrida por um fone vizinho, quando duas unidades em contato têm traços articulatórios comuns.	<i>mbasa</i> (kimbundu) > <i>bansa</i> (forro).
Nasalização vocálica	Fenômeno que resulta do encontro de uma vogal com uma consoante nasal.	<i>mvuvu</i> (kikongo) > <i>vunvun</i> (santome).
Sonorização	Mudança das consoantes desvozeadas em sonoras.	<i>vuku</i> (kikongo) > <i>vugu</i> (forro).
Alçamento	Assimilação da altura das vogais médias baixas para as vogais medias altas ou para as vogais altas.	<i>ngembo</i> (kikongo) > <i>ngembu</i> (santome).
Palatalização	Processo que ocorre com algumas consoantes seguidamente da vogal alta	<i>tiba</i> (kikongo) > <i>txiba</i> (santome).

	anteriormente quando se envolve com segmento alveolar palatal aproximante.	
Redução de vogais longas	Processo de dissolução de vogais longas para simples ou breves.	<i>booba</i> (kikongo) > <i>bobo</i> (forro).

Fonte: adaptado de Ladhams (2007).

Por fim, em relação ao tipos silábicos em santome, nos dados analisados, foram encontrados: V, VC, CV, CVC, CCV e CCVC. O tipo CV foi o tipo mais frequente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de nativização está ligado à adaptação de itens da língua fonte para a língua receptora. Este estudo teve como objetivo avaliar itens nativizados ou adaptados no santome/forro de étimo bantu (kikongo e kimbundu).

Diante das análises feitas a partir de nosso *corpus* e de todo aporte teórico que embasou este trabalho, identificamos que algumas palavras, ao entrar no léxico da língua receptora, o santome, exibem alterações estruturais, enquanto outras permaneceram, em grande parte sem passar por extensas mudanças. Observamos no *corpus* 13 processos fonológicos ocorridos no forro, entre os quais estão: a supressão ou apagamento, como aférese, síncope e apócope; a inserção ou adição, como a prótese e epêntese; bem como alterações nos segmentos, tais como, assimilação, nasalização sonorização, alçamento, palatalização e redução de vogais longas.

Além disso, o estudo reconheceu que existe um padrão em processos fonológicos de apagamento em aférese. Ocorre a supressão no começo de todos vocábulos quando o **n** antecede essas consoantes, **k**, **s** e **z**, como, por exemplo, *nzumbi* “fantasma” (kimbundu); *zumbi* “fantasma” (santome). Da mesma forma, ocorre quando o **m** antecede tais, **p**, **b**, **f** e **w**. *Mwunga* “espalhar” (kikongo); *wunga* “derramar” (santome). Esse apagamento não se realiza de maneira aleatória, mas devido ao contato do santome com línguas bantu no passado. Foram observados no nosso *corpus* seis tipos de sílabas fonológicas em santome: V, VC, CV, CVC, CCV e CCVC, resultantes da adaptação dos itens

É importante ressaltar que, nesse estudo, foi realizado uma análise segmental que deve ser aprofundada posteriormente. Muitos processos fonológicos que aconteceram na adaptação dos itens provenientes das fontes ainda precisam ser analisados. Com este trabalho, espera-se

ter contribuído para o avanço na compreensão de alguns aspectos fonético-fonológicos do santome.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Ana Livia. **Fonologia e método pedagógico do lung'le**. 2015. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: doi:10.11606/T.8.2014.tde-22062015-141126. Acesso em: 02 de out. 2023.
- AGOSTINHO, Ana Livia dos Santos *et al.* O lung'le na educação escolar de São Tomé e Príncipe. **Trabalho Linguística Aplicada**, Campinas, v. 55 nº 3, set./dez. p. 591-618, 2016.
- ARAUJO, Gabriel Antunes; HAGEMELIER, Tjerk. **Dicionário livre santome-português/Livlu-nglandji santome/putugêji**. São Paulo, Hedra, 2013.
- ARAUJO, Gabriel Antunes de. Há uma política linguística para o português em São Tomé e Príncipe? 2020. In: Souza, Sweder & Olmo, Francisco Calvo (orgs.). *A sair. Línguas em português: a lusofonia numa perspectiva crítica*. Porto, 2018.
- ASSIS JUNIOR, António de. **Dicionário Kimbundu-Português: linguístico, botânico, histórico e corográfico** (seguido de um índice alfabético dos nomes próprios). Luanda: Argente, Santos e Comp., [s./d.], 1958.
- BALDUINO, Amanda Macedo *et al.* A nasalidade vocálica em santome e lung'le. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 25, n. 1, p. 7-25, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337917525_A_nasalidade_vocalica_em_santome_e_lung'Ie. Acesso em: 10 de dez. 2023.
- BALDUINO, Amanda Macedo. **A nasalidade no português de STP**. São Paulo, 2018. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018). Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.8.2018.tde-03072018-123304>. Acesso: 13 de dez. 2023.
- BALDUINO, Amanda Macedo. **Fonologia do português de São Tomé e Príncipe**. São Paulo, 2022. Tese (Doutorado Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018). Universidade de São Paulo, 2022). Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2022.tde-04102022-155344>. Acesso: 15 de dez. 2023.
- BALDUINO, Amanda Marcedo; BANDEIRA, Manuele. A ascensão da língua portuguesa em São Tomé e Príncipe. **Domínios de Linguagem**, Urberlanda, v.16 n. 03, jul.-set. p.991-1025, 2022.

BANDEIRA, Manuele. **A adaptação de empréstimos recentes no papiamentu moderno**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BANDEIRA, Manuele. **Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné**. 2016. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BISOL, Leda. Harmonização vocálica: efeito parcial e total. **Organon**, v. 28, n. 54, 2013.

CÂMARA JR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. Ed. 27. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos Lingüísticos**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1989.

COBE, Francisco Narciso. **Novo dicionário português-kikongo**. Luanda: Mayamba, 2010.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de linguística**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. Empréstimos e neologismos: uma breve visita história. São Paulo: **Alfa**, 45: 131-148, 2001.

DODÃO, Bento Miguel Vete. **Análise Descritiva dos Antropónimos da Língua Kikongo**, Lisboa, 2017. Tese (Doutorado) –Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2017.

FERRAZ, Luiz Ivens. **The creole of São Tomé**. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.

FIORIN, José Luiz *et al.* **Introdução à Lingüística volumes 1 e 2**. São Paulo: Contexto, 2003.

FONTE, Juliana Simões. As vogais pretônicas do português antigo a partir da variação gráfica no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. **Estudos Linguísticos**, v. 43, n. 01, São Paulo, p. 333-346, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/442>. Acesso: 29 de jul. 2023.

FREITAS, Shirley; BANDEIRA, Manuele; AGOSTINHO, Ana Lúcia. Cape Verdean migration to São Tomé and Príncipe: living conditions and perceptions. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. e482, 2021. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/482>. Acesso em: 30 oct. 2023.

FREITAS, E. C. De; PRODANOV, C. Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª edição, Rio Grande do Sul: Novo Hamburgo, 2013.

GUILBERT, Louis. Théorie du néologisme. In: Cahiers de l'Association internationale des études françaises, n° 25, p. 9-29, 1973. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/caief_0571-5865_1973_num_25_1_1020. Acesso em: 18 de jul. 2022.

GÜNTHER, Wilfried. **Das Portugiesische Kreolisch der ilha do Príncipe**. Marburgo: Marburg an der Lahn, 1973.

HAGEMEIJER, Tjerk. As ilhas de Babel: A criouliização no Golfo da Guiné. **Revista Camões**, v. 6, p. 74-88, 1999.

HLIBOWICKA-WĘGLARZ, Barbara. A origem dos crioulos de base lexical portuguesa no Golfo da Guiné. **Romanica Cracoviensia**, v.1, 2011.

LADHAMS, John. Article agglutination and the African contribution to the Portuguese-based Creoles, **Black through White**, 2007.

MAURER, Philippe. **Principense: Grammar, texts, and vocabulary of the Afro-Portuguese creole of the Island of Príncipe, Gulf of Guinea**. London: Battlebridge Publications, 2009.

NASCIMENTO, Jose Pereira do. **Dicionário português-kimbundu**. Huilla, Typographia da Missão, 1903.

PARKVALL, Mikael. **Da África para o Atlântico**. Tradução: Rodolfo Ilari, Ed. UNICAMP, Campinas, 2012.

PARADIS, Carole. The inadequacy of filters and faithfulness in loanword adaptation, 1996. In: JACQUES, Durand; LAS, Bernard. **Current trends in phonology**. Salford: University of Salford Publication, 1996.

PETTER, Margarida. **Introdução à linguística africana**. São Paulo: Contexto, 2015.

SEIBERT, Gerhard. Tenreiro, Amador e os angolares ou a reinvenção da história da ilha de São Tomé. **Realis Revista de Estudos Antiutilitaristas e Poscoloniais**, v. 2, n. 2, p. 21-39, 2012. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=seibert+gerhard+2012&btnG=. Acesso: 13 de mar. 2023.

SERROTE, João Major. **Antroponímia da língua Kimbundu em Malanje**, Lisboa, 2015. Dissertação (Mestrado) Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/16178>. Acesso: 25 de out. 2023.

TAVARES, José Lourenço. **Gramática da língua de kikongo**. University of Toronto, 1967.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

WORLD BANK. **The World Bank in São Tomé and Príncipe**. <https://www.worldbank.org/pt/country/saotome/overview>. Acesso em: 02 de fev. 2023.